

# DE VOLTA À FAZENDA MÁGICA: NARRATIVAS DE TEMPO, MEMÓRIA E LUGAR ENTRE MULHERES PROVENIENTES DE ÁREAS RUAIS

FERREIRA, João Paulo<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho objetivou investigar as narrativas orais de mulheres provenientes de áreas rurais, recolhendo relatos e histórias sobre a vida na Fazenda Guatapará. Como objetivos específicos visou: (a) discutir se, e como, as narrativas orais convergem ou se desagregam nas tramas das memórias produzidas, (b) analisar as fotografias da fazenda em conjunto com as rememoraes e (c) contrastar as narrativas apresentadas pelas interlocutoras a fim de problematizar suas continuidades e rupturas. A amostra foi composta por quatro mulheres com idade entre 85 e 95 anos, residentes na zona rural de uma cidade de pequeno porte no interior do Estado de São Paulo. Os resultados obtidos permitiram perceber aproximações entre as memórias individuais e coletivas, situando a fazenda como lugar-comum de pertencimento e reconhecimento das trajetórias das personagens.

**Palavras-chave:** Memória social. Narrativas orais. Fotografia. História oral. Fazenda Guatapará.

**Abstract:** This work aimed to investigate the oral narratives of women from rural areas, collecting reports and stories about life at Fazenda Guatapará. As specific objectives: (a) to discuss whether and how oral narratives converge or disintegrate into the frames of the produced memories, (b) to analyze the photographs of the farm together with the recollections, and (c) to contrast the narratives presented by the interlocutors in order to problematize their continuities and ruptures. The sample consisted of four women aged between 85 and 95 years, living in the rural area of a small city in the interior of the São Paulo State.

---

<sup>1</sup> Mestre em sociologia pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Doutorando em sociologia pela mesma instituição, sob orientação do Professor Dr. Richard Miskolci. Vice-coordenador do Núcleo de Pesquisa Aplicada em Gerontologia e Envelhecimento (NuPAGE) e membro do *Quereres* – Núcleo de Pesquisa em Diferenças, Gnero e Sexualidade. E-mail: [joapauloferreira@outlook.com](mailto:joapauloferreira@outlook.com).

The results allowed to perceive approximations between individual and collective memories, situating the farm as a common place of belonging and recognition of the personal trajectories.

**Keywords:** Social memory. Oral narratives. Photography. Oral history. Fazenda Guatapará.

## Introdução

*Ah, se eu pudesse voltar no tempo! [murmura D. Ifigênia]. Meu pai sempre ia à fazenda aos finais de semana com minha mãe. A gente morava num sítio, na cidade vizinha, o Rincão. Da nossa casa perto do Rincão até o antigo palacete, dava quase duas horas. Íamos de carroça, numa mula velha... [D. Ifigênia abre o sorriso como quem quer rir e continua...] (...) na Fazenda Guatapará tinha de tudo – até mais do que tem hoje. Tinha cinema, alguns festivais dançantes, um clube e muitas gincanas entre a meninada mais jovem.*

*Eu sempre participava dos bailes e do grupo de mulheres. Sempre fui muito elegante, como a mamãe; foi lá que aprendi a tricotar. (...) Recordo-me de meu vestido caramelo de cetim que eu mesma fiz – um legítimo cetim italiano! Quantos bailes eu dancei com ele. (...) Também me lembro dos cafezais. Quando nos mudamos para a Fazenda, meu pai foi trabalhar no cafezal próximo ao Palacete – um lugar admirável. Às vezes a gente via pessoas da política e autoridades, “gente importante”. (...) A fazenda deixou saudades [...].*

---

A história de D. Ifigênia<sup>2</sup> ilustra uma das muitas narrativas

<sup>2</sup> Os nomes reais das personagens foram modificados, bem como os nomes de seus respectivos familiares – os quais serão citados ao longo do manuscrito –, respeitando o anonimato e as premissas éticas garantidas no início das entrevistas.

rememoradas nesta pesquisa, cujo objetivo consiste em situar as memórias individuais e coletivas de mulheres que viveram ou frequentaram a Fazenda Guatapará durante os anos 1930, 1940 e 1950 – em suma, no período da infância, juventude e maturidade. Suturamos nossa reflexão é aquela proposta por Ecléa Bosi (1994, p. 459), retracando aspectos das histórias de vida de pessoas e situações, contadas pelas próprias personagens, a fim de reconstituir uma analítica sobre o tempo e a memória<sup>3</sup>. O desenho metodológico  de natureza qualitativa. A seleção das personagens baseou-se na técnica de amostragem em “bola de neve”<sup>4</sup> (*snow ball*) e as entrevistas foram conduzidas com base em um questionário semi-estruturado. O material coletado foi interpretado de maneira descritiva e comparada, por meio do *Software ATLAS.ti*.

No primeiro tpico empenhar-mos-emos, de maneira breve, em retracar a história da Fazenda Guatapará, entretecendo dados demográficos disponíveis *on-line* e as narrativas orais produzidas pelas personagens. Assim, a memória será para nós um meio de acessar as histórias; trata-se, propriamente, de compreender a memória como um espaço criado pelo sujeito, passível de exploração, deslocamento e visitação. Walter Benjamin (1990), em *Infância Berlinense*, utiliza o fragmento “escavar e lembrar”, desenvolvendo uma de suas metáforas mais conhecidas: a do arqueólogo. Benjamin (1990) reconhece a memória em termos espaciais, como um terreno fértil e profundo de escavação; as lembranças, então,

---

<sup>3</sup> A pesquisa é resultado de entrevistas informais e semi-estruturadas, conduzidas no ano de 2017, as quais transcorreram por meio de observação participante, tendo como campo uma cidade de porte médio do interior do Estado de São Paulo.

<sup>4</sup> Para executar a amostragem em “bola de neve”, lançamos mão de documentos, materiais e informantes-chave, definidos como *sementes*, a fim de pulverizar a pesquisa para outras informantes com o perfil adequado para o estudo, dentro do recorte estabelecido (BECKER, 1993). Na sequência, solicitamos que as pessoas indicadas pelas *sementes* indicassem outras respondentes com as características desejadas, por meio da rede pessoal de contatos, permitindo que o quadro de amostragem crescesse (VINUTO, 2014, p. 203).

podem ser rememoradas de diversas maneiras, não se prendendo a um sentido unívoco, estático e absoluto.

A reconstrução do passado, tanto para Benjamin (1990) – herdeiro de Proust e Baudelaire –, quanto para Maurice Halbwachs (2003) – herdeiro de Émile Durkheim –, ilumina-se de diferentes modos à medida em que a situação social vai se alterando. Lembrar não é resgatar alguma memória supostamente “presa” no *inconsciente* (Freud) ou na *imagem-lembrança* (Bergson); evidentemente, para Halbwachs (2003), seu sentido é outro: lembrar consiste em refazer, repensar e reconstituir uma cena, um desejo, um hábito, uma história, com base nas imagens disponíveis no presente. A memória, portanto, não se configura como sonho, mas, substancialmente, como *trabalho* – à revelia de Henri Bergson (1986) em *Matière et Mémoire*, sobre a tese da *memória-pura*.

Novamente parece-nos apropriado o diálogo entre Benjamin (1990) e Halbwachs (2003), pois, se a memória é trabalho, emerge então a dúvida em relação à *verdade* do passado, “tal como foi”, e que – aparentemente – se daria no inconsciente de maneira indistinta. Assim:

a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto das representações que povoam a nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. (BOSI, 1994, p. 55)

Nesse fragmento de Bosi em *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, é possível entrever certa aproximação entre o trabalho de Benjamin (1990) e o de Halbwachs (2003). Benjamin (1990), ao rememorar em *Infância Berlinese* aspectos da cidade, dos costumes, dos sabores, das comidas e dos aromas, tece uma historiografia sofisticada

acerca de um narrador ubíquo, cuja experiência se situa no presente de forma consciente, produzindo uma releitura do passado. O *acaso*, adverte Benjamin (1990), opera em muitas dessas situações, quando o contato com algum objeto ou um alimento, por exemplo, – referenciando-se ao bolo *madeleine*, eternizado por Proust em seu livro *À La Recherche du Temps Perdu*<sup>5</sup> – reconstitui uma experiência passada, costurando a reserva do inconsciente nas tramas da experiência social atual, permitindo que o personagem tome para si a posse de sua própria história.

Benjamin (1990), em sua crítica mordaz às memórias oficiais arquitetadas pelos grandes monumentos e pelas elites, da velha e opulente Berlim com seu *Obelisco da Vitória* a Paris das *Passagens*, verte seu pensamento para as memórias não oficiais – ou como ele mesmo se obstina: a contar *história dos vencidos*. Para o autor, o irrestrito papel dos monumentos de simbolizar a(s) história(s), seja(m) ela(s) constituída(s) por meio da experiência ou da percepção, pode também ser exercido pelas pessoas e pelos lugares em igual proporção. Dessa forma, compreendemos que as memórias produzidas nas tessituras deste texto, o qual se debruçará nas narrativas orais de quatro personagens – além daquelas oriundas de acervos digitais –, poderão se cruzar, confluir ou contrastar-se durante a análise sociológica. Não nos caberá exercer quaisquer juízos de valor(es) no que toca às experiências individuais e/ou coletivas narradas, mas, precisamente, tramar à luz da historiografia benjaminiana as lembranças e as narrativas sobre as memórias da Fazenda.

No segundo momento do texto iremos apresentar uma reflexão teórica sobre o papel da memória, o processo interpretativo e os sentidos atribuídos de maneira consciente e inconsciente pelas personagens. Neste momento, retomaremos o conceito de *memória involuntária* de Marcel Proust, abrindo as narrativas orais para outras versões “não oficiais” da

<sup>5</sup> Obra traduzida por Benjamin para o alemão como “*Suche nach der verlorenen Zeit*”. Em português: “*Em busca do tempo perdido*”.

história – aquelas as quais Benjamin (1990), possivelmente, se referiria como *história dos vencidos*. Por conseguinte, discorreremos sobre os aspectos teórico-metodológicos empregados nas entrevistas a fim de (re) conhecer, delimitar e analisar o material recolhido, bem como oferecer um balanço parcial das narrativas orais produzidas durante a pesquisa. Finalmente, aprofundaremos a discussão qualitativa sobre as memórias, iluminando as continuidades e rupturas provenientes das narrativas orais, tomando por base o diálogo entre o trabalho de Maurice Halbwachs (2003), Michel Pollak (1990) e Susan Sontag (2004).

Como conclusão, o artigo buscará esboçar um panorama geral das percepções de tempo e lugar narradas, argumentando sobre o papel da Fazenda como lugar-comum das memórias e das narrativas orais elaboradas, notadamente no que diz respeito ao reconhecimento das trajetórias coletivas de mulheres que vivenciaram esse período histórico comum, em que não somente vigora o *passado* por meio das lembranças narradas, mas também as percepções de *presente* e de *futuro*, com base nas experiências sociais constituídas por meio da memória.

## Memórias da Fazenda: uma história aberta a escavações infinitas

A Fazenda Guatapará<sup>6</sup> foi fundada em 1865 por Martinho Prado da Silva Júnior, popularmente conhecido como “Martinico Prado” entre os moradores locais. Sob um conceito moderno e visionário, a Fazenda possuía 6.268 alqueires, sendo, 1.111 cultivados. Grande parte da produção da fazenda, cerca de 2.688 hectares, eram destinados ao plantio de café, cuja notória produção rendeu-lhe o título de principal produtora de café da região de Ribeirão Preto – São Paulo –, chegando a

<sup>6</sup> O nome “Guatapará” é uma homenagem a um cervo (nome científico: *Mazama americana*), atualmente extinto na região, mas que à época da fundação da Fazenda era encontrado em abundância.

beneficiar 15.000 kg de café por dia. A Fazenda também produzia cereal – cerca de 480 hectares dedicados ao plantio – e, em menor proporção, cana de açúcar, com 48 hectares. O trabalho nas lavouras e nos pomares era realizado predominantemente por imigrantes, chegando a empregar 1.610 trabalhadores de origem italiana.

O sistema de transporte da fazenda era um dos mais modernos. As linhas da Mogiana passavam dentro da fazenda, onde havia uma estação junto à sede administrativa (seria uma parada junto ao paiol, chamada convencionalmente de “*Chave*”, pois que a estação de Vila Albertina ficava mais longe da fazenda, ao lado da “Casa da Laranja” - nota do autor), perto da máquina de beneficiar e dos terreiros, e, em 1911, havia um ramal ferroviário particular para o trabalho exclusivo da grande lavoura. O transporte de café para vagões da estrada de ferro era feito por 20 carroções com 150 mulas (GIESBRECHT, 2010, p. 1).

A propriedade estava dividida em quatro sedes: Marco de Pedra, Brejão Grande, Monteiro e, a mais antiga, Guatapará (Figura 1); ao todo, a Fazenda possuía 500 edifícios, os quais abrigavam diretorias, maquinários, oficinas, galpões, depósitos, farmácia, escola, cinema, hospital, cocheiras, as casas da colônia e as residências dos trabalhadores.



**Fonte:** Arquivo digital.

**Figura 1: Palacete da Fazenda Guatapará. Visita do embaixador do Japão, 1933.**

A seção central da Fazenda, Guatapará, contava com uma farmácia, uma escola talo-brasileira, um comércio de produtos alimentícios, mercearia e leiteria, um hotel, uma igreja e um cemitério. A estimativa da população era de, aproximadamente, 2.074 habitantes em 1950, dentre os quais: 1.662 de nacionalidade italiana, 110 brasileiros e 302 de outras nacionalidades. Ao todo, residiam na Fazenda 343 famílias.

Devido a seu grande sucesso na economia do café, a Fazenda recebia diversos líderes importantes, como ilustram a fala de D. Ifigênia e a imagem recolhida *on-line* do acervo digital do *Google* (Figura 1). É lugar-comum nas lembranças sobre a Fazenda, com base nas falas das personagens, o seu aspecto grandioso e sua importância nas trajetórias pessoais dos antigos moradores. Segundo D. Camélia, 85 anos, ex-moradora da Fazenda:

*Alguém poderia ter feito algo por ela (...) [reflete D. Camélia sobre o fim da Fazenda]. Hoje, eu já não saio mais de casa. Tenho muitos problemas de saúde e mal consigo andar. (...) não gostaria de ver a Fazenda novamente. (...) pelo que sei, está tudo pelo chão; nada restou senão nossas memórias, um punhado de fotos, e alguns poucos amigos e conhecidos que, como eu, já estão no fim da vida.*

D. Concetta, 95 anos, descendente de italianos ex-trabalhadores rurais, provenientes dos assentamentos do velho Rincão, também se lamenta da destruição da Fazenda, substituída pelas lavouras de cana-de-açúcar:

*Não sobrou nada. Há 10 anos eu voltei para lá, paramos na parte superior do Palacete, na área da antiga oficina. Que tristeza (...). Passamos na parte das casas da Colônia; não havia sequer um tijolo (...). Nessa época do ano havia muitas primaveras cor-de-rosa que formavam um grande caramanchão na entrada da Colônia. Nos tempos da escola, plantamos muitas delas.*

*(...) o que mais me entristeceu foi saber da destruição da Igreja São Martinho. Minha primeira comunhão e meu casamento foram feitos lá. Quase todos os amigos já se foram... É como se uma parte de gente tivesse sido arrancada; (...) meus filhos e meus dois netos sabem do que a gente conta. Meus filhos não se lembram muito bem, tinham pouco menos de seis anos na época que eu ainda vivia lá com Thomaz [Esposo de D. Concetta]. Meus netos então (...), só conhecem as fotos e o que eu conto quando eles vêm me visitar.*

Enquanto as entrevistas orais transcorriam, escutava-se, vez ou outra, um comentário vindo dos filhos, cuidadoras e familiares, de modo geral, a respeito da fazenda. Num primeiro momento, para nossa surpresa, as memórias pareciam extrapolar os limites físicos e psíquicos

dos velhos, ecoando nas falas uma espécie de experiência compartilhada sobre os costumes, os objetos e os tempos do café.

A rigor, Maurice Halbwachs (2003) define esse processo como sendo de *releitura*, de maneira análoga ao conceito de *rememoração* elaborado por Walter Benjamin (1990). Se Benjamin definia a rememoração como algo passível de construções inconscientes e, portanto, característica fantasmática da *memória involuntária* em Proust, Halbwachs (2003), por sua vez, argumenta que a condição *sine qua non* para a releitura é a própria *reconstrução da memória*, que se apresenta de modo inequivocamente social. Neste aspecto, a fisionomia dos acontecimentos pode assumir diferentes encarnações, uma vez que o esforço para reconstituir uma ou várias memórias exige do sujeito, involuntariamente, as noções de presente por meio das quais ele se vê impelido a avaliar e, logo, a alterar o significado e conteúdo da(s) memória(s).

Halbwachs (2003) se debruçará na tese de que o aspecto da releitura nunca consiste num *reviver* do passado, mas, sobretudo, num *refazer*. Esse ponto marca seu rompimento radical com o *inconsciente* freudiano incorporado por Benjamin, demarcando a memória como uma construção social. Segundo Bosi:

A interpretação social que Halbwachs dá da capacidade de lembrar é radical. Entenda-se que não se trata apenas de um condicionamento externo de um fenômeno interno, isto é, não se trata de justaposição de “quadros sociais” e “imagens evocadas”. Mais do que isso, entende que já no interior da lembrança, no cerne da imagem evocada, trabalham noções gerais, veiculadas pela linguagem (BOSI, 1994, p. 59).

Não obstante, se as memórias parecem extrapolar os limites psíquicos da narração dos velhos, convergindo com a fala dos mais jovens

na família e também dos cuidadores, podemos dizer que há um processo de *socialização da memória*, em que os sujeitos mais velhos possuem a incumbência de lembrar, n'outros termos: “de ser a memória da família, do grupo, da instituição e da sociedade.” (BOSI, 1994, p. 63).

O passado, nesse sentido, figura como tesouro comum. A comunalidade dessa vivência – os tempos da infância e juventude na Fazenda – faz com que se crie um paralelo às vivências presentes, de modo que o passado é *desfigurado* pelo presente, assumindo um significado diverso e até exacerbado daquilo que, de fato, foi. O conceito de *desfiguração*, portanto, é estabelecido quando as ideias e ideais do passado são remanejadas de maneira consciente ou inconsciente pelas ideias e ideais presentes.

Haveria, portanto, uma função social resguardada aos velhos: a função de *lembrar* (BEAUVOIR, 1990; HALBWACHS, 2003). Contudo, se as lembranças são objeto privilegiado dos mais velhos em termos etários, o que explica o fato de as pessoas mais jovens da família e, mesmo, os cuidadores, narrarem lembranças semelhantes em relação aos velhos?

A esse ponto, a psicologia social clássica a partir de Frederic Charles Bartlett (1932) em *Remembering*, explicaria a memória compartilhada a partir do conceito-chave de “*convencionalização*”. Antes de comentar o conceito e suas aproximações com o trabalho de Halbwachs (2003) – leitor assíduo de Bartlett (1932) –, é preciso dizer que o termo em si foi extraído da obra *The History of Melanesian Society*, do etnólogo W. H. R. Rivers. Para Rivers, o conceito de “*convencionalização*” exprime um processo pelo qual as ideias e as imagens são re-incorporadas por outros grupos (os grupos de destino), podendo assumir um significado diferente daquele cunhado pelo primeiro grupo, isto porque pode variar em sentido – ainda que guarde certa correspondência com o sentido

original atribuído pelo primeiro grupo (o grupo de origem)<sup>7</sup>. Assim, Bartlett (1932) considera que a “matéria-prima” da lembrança não aflora de maneira pura nas narrativas orais dos falantes, mas ela pode ser estilizada e deslizar seu sentido, com base no ponto de vista cultural e ideológico no qual o sujeito está inserido (BOSI, 1994).

As aproximações entre Bartlett (1932) e Halbwachs (2003) tornam-se visíveis, especialmente, no que toca à pertinência dos “quadros sociais” e das redes de linguagem compartilhadas e repelidas entre grupos distintos, as quais podem confluir para significados próximos atribuídos às lembranças, como podem se diferenciar, constituindo sentidos novos por meio das narrativas comuns aos falantes.

D. Lila, 87 anos, relata que mantém o hábito de contar as histórias da infância na Fazenda para seus filhos e netos. Ela guarda algumas fotografias numa caixa de sapatos em cima de seu antigo guarda-roupas e, aos finais de semana, quando todos se reúnem para almoçar, ela pede ao neto mais velho que leve a caixa para a varanda. A varanda é o espaço em que D. Lila passa os dias e, excepcionalmente aos finais de semana, o lugar é recoberto por uma grande mesa de cipreste colonial – proveniente da Fazenda – e as fotos são espalhadas por todo o móvel.

*Essa é a foto que meus filhos e netos mais gostam de ver (Figura 2). Ela me lembra de uma história que a Professora nos contava. Na verdade eu não sei se é bem uma história ou uma lenda (...).*

*Falava-se que, à noite, descia uma noiva do alto do morro da Fazenda Santa Margarida em direção à igreja de São Martinho. A noiva havia sido deixada no altar no dia de seu casamento e, o noivo, desapareceu depois disso. A história diz que ela se suicidou em seguida e, após o suicídio, seu corpo nunca mais foi en-*

---

<sup>7</sup> Assim também observou o antropólogo inglês Edward Evans-Pritchard na trilogia de *Os Nuer* (1978), reconhecendo a preocupação do tempo nas sociedades primitivas. Em específico, no caso d’*Os Nuer*, na África, o tempo era identificado pelas tarefas com o gado, vinculando o cuidado, a ecologia e a tradição.

*contrado. Talvez seja por isso que as lamparinas da Rua da Igrejinha viviam apagadas. Um mistério (...).*



**Fonte:** Arquivo digital.

### **Figura 2: Escola Infantil da Fazenda Guatapará. 1940-1950.**

O neto caçula de D. Lila, Victor, de 8 anos, contrariando a fala da avó, aproxima-se da caixa de sapatos e retira uma outra foto.

*Essa  minha foto favorita, vov! [Exclama seu neto, com um olhar penetrante  imagem do cinema da Fazenda].*

Na sequência, lhe pergunto por que seria essa e não a outra, como mencionado por D. Lila, a sua foto favorita. E ele diz:

*Ah, nessa foto está o cinema (...). Eu adoro cinema!*

*(...) na fazenda tinha muitas coisas, até cinema! Coisa que não tem hoje em dia aqui na nossa cidade. [Lamenta Victor, contrastando a vida na Fazenda, supostamente positiva, com a vida na pequena cidade*

em que reside].

O contraste, a princípio, em meio às lembranças passadas e o presente, revela uma afinidade eletiva entre o momento passado e o atual na reconstrução da memória. O cinema, na fala de Victor, denota um aspecto seletivo da narração – ou seja, algo que não corresponde a uma ordem determinada de narrações –, o qual pode ser ancorado na definição proposta por Benjamin de *memória involuntária* ou *memória espontânea*. Dito de outro modo, o contato com a foto do cinema permite ao personagem o acesso a uma memória obscurecida pelo hábito. O caráter de novidade e de desejo, ao se deparar com a imagem do cinema, assume uma forma simbólica diversa para Víctor, que mesmo não tendo vivido na Fazenda, decodifica parte da ideia e dos valores que a imagem evoca, desfigurando seu sentido primário. A capacidade de rememorar, portanto, não requer vivência e hábito, mas experiência; que, por sua vez, é construída pelo compartilhamento de significados, sentidos linguísticos, imagéticos e a percepção dos velhos, tal qual se viu na fala de D. Concetta: “*meus filhos e meus dois netos sabem do que a gente conta*”.

Nas trilhas da história e das tradições: as personagens e os hábitos da Fazenda

*Esse cheiro de café [...].*

*Parece que vejo a mamãe (D. Idalina), na beira do fogão a lenha, ajeitando o coador de pano na mariquinha e amarrando o avental na cintura (Suspira D. Lila, remetendo-se a um antigo hábito de sua falecida mãe).*

*Aquela mariquinha (aponta D. Lila para uma das fotos sob a mesa) minha mãe ganhou de Nestor, o pri-*

*meiro marceneiro da oficina da Fazenda com quem papai trabalhou quando chegou à estalagem.*

D. Lila, 85 anos, chegou à Fazenda com seus pais em abril de 1934: “*ainda era uma bebê nos braços de minha jovem mãe*”, comenta a personagem. Quando indagada sobre a data de chegada, Lila nos conta que se recorda do mês com precisão, pois foi quando nasceu Jorge, seu irmão do meio: “*papai e mamãe nos contaram que a mudança para a Fazenda se deu em virtude de trabalho e da crise na produção de milho no antigo assentamento, mas também do nascimento de Jorge. O papai recebeu uma proposta de trabalho na lavoura de café, o que fez com que ele optasse por mudar para a Fazenda, já que o ordenado mal daria para sustentar as três filhas e o primeiro menino que chegaria em breve* (referindo-se a suas três irmãs, Carmem, Isaura e Ruth e, ao seu irmão Jorge) [...]. *Certa vez, mamãe me disse que eles se mudaram principalmente porque havia a promessa de moradia* (referindo-se às casas da colônia, próximas ao Engenho, destinadas aos trabalhadores da Fazenda)”. Completa: “*A vida não era fácil e nós não tínhamos um pedaço de chão, até que mudamos...*”.

Na casa da Colônia, feita de tijolinhos de barro, Lila viveu sua infância e juventude, ao lado das três irmãs e dos dois irmãos. O período da juventude, com destaque, a personagem descreve como próspero, associando o trabalho de seu pai e a aquisição de bens de consumo:

*foi uma época muito boa! O café da Fazenda era muito procurado e papai não media esforços para o trabalho! Ele era valorizado e o trabalho prosperava. Conseguimos deixar a casa como mamãe sempre quis, com muitas louças, utensílios e móveis [...]. Lembro quando fiz minha primeira comunhão e papai, escondido de nós, encomendou um vestido de D. Mercedes (famosa costureira do Engenho). Eu estava na cozinha ajudando minha mãe, ao lado de minhas irmãs, e, de repente, uma voz suave veio da porta dos*

*fundos – tínhamos esse costume de fazer da cozinha a sala de estar –, era D. Mercedes, com o vestido bege de tafetá nos braços e a fita métrica no ombro, todo cheio de alfinetes e marcações, pedindo para que fossemos tirar as medidas finais. Ela havia tirado as medidas na minha irmã Ruth, “franzinha” feito eu [...]. O vestido foi levado pelas traças, muitos anos depois, mas ainda tenho uma foto dele, que tiramos após a missa, junto das minhas irmãs, e as moças e rapazes que fizeram sua primeira comunhão” (Figura 3).*



**Fonte:** Arquivo pessoal.

### **Figura 3: Primeira Comunhão na Igreja São Martinho. 1948-50**

D. Ifigênia, 94 anos, nascida no Sítio Monte Alegre, então região do Rincão, mudou-se para a Fazenda em meados de 1945-48, em decorrência da expansão da produção de café e de melhores oportunidades de vida:

*“papai herdou duas terras próximas ao rio Mogi Guaçu, na divisa com a ponte nova da linha da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Na terra ele cultivava frutas e legumes, mas o trabalho vinha se tornando insustentável por conta das cheias [...].*

*Houve uma época em que o rio Mogi Guaçu transbordou, chegando a destruir quase que completamente toda a plantação e parte de nossa casa [...]. Foi algo que marcou a vida dos meus pais e a minha. Então, papai ficou sabendo, na própria Mogiana, que a Fazenda estava lotando homens na colônia para o trabalho com o café. A princípio mamãe não quis se mudar, indo somente o papai. Passado um tempo, vendemos as duas terras e nos mudamos com ele”.*

Ifigênia e sua mãe, D. Hortência, ocupavam-se das atividades de casa, enquanto o pai, Sr. Benedito, se dedicava ao trabalho nas lavouras – muito similar ao que fora retratado por D. Lila, no que concerne à distribuição das tarefas domésticas e do trabalho. O pai de Ifigênia faleceu cerca de vinte anos depois da mudança, cuja morte a personagem relata ter sido provocada por complicações oriundas da doença de Chagas: “o trabalho na lavoura era feito de sol a sol, sem proteção e papai era muito teimoso [...]. Não se cuidava e nunca quis saber de falar com o Dr. Orestes (o médico da Fazenda) [...]. Muitas pessoas, vizinhos e até conhecidos, chegaram a descobrir a doença de Chagas. Foi uma época difícil [...], e a doença não poupou quase ninguém das lavouras”, conclui D. Ifigênia sobre a disseminação da doença e as implicações do trabalho com o café na metade do século XX.

Apesar da morte precoce de Benedito, a personagem pondera:

*“se pudesse voltar para lá? Voltaria certamente! Tenho saudades de muitas coisas daquela época... das missas na igreja, das festas de São João, do coral e das aulas de canto, das minhas amigas e amigos que já faleceram [...]. A nossa casinha, de chão batido, era o recanto da minha mocidade. Aprendi a ser dona de casa, desde muito menina, mas principalmente após o falecimento de meu pai e o adoecimento de minha mãe [...]. Você sabe, a gente precisa tomar as rédeas de vida [...]. Depois casei com Ernesto e, por quase 30 anos, fui esposa, mãe e, hoje em dia, já*

*sou vovó de três lindos meninos, mas isso é história pra outro dia [...]”, finaliza D. Ifigênia.*

D. Camélia, 85 anos, natural de Ribeirão Preto, mudou-se para a fazenda com pouco mais de dez anos de idade para cuidar de sua avó, D. Bernadete. Logo que se mudou para lá, teve que parar de estudar, dedicando-se somente aos cuidados da casa, enquanto Elísio, seu tio, acompanhava o avô de Camélia, Sr. Rubens, no trabalho de reposição dos dormentes da estação da Fazenda.

A casa em que viviam era grande, uma das mais bonitas da colônia, segundo Camélia:

*a nossa casa era toda branca, de tijolos pintados, uma das últimas que foram construídas lá. Até parecia que morávamos na Colônia dos Artistas (colônia exclusiva a pessoas originárias de famílias mais ricas e que prestavam algum serviço administrativo na Fazenda). Para saber qual era a casa da vovó Bernadete e do vovô Rubens era só procurar pela primavera rosa dobrada. Quem viu sabe do que eu falo! Infelizmente não tenho nenhuma foto para lhe mostrar... era das mais belas que vi em toda a minha vida! Nos fundos de casa tínhamos pés de banana, quiabo, mandioca, tomate e um canteiro com cebolinha, salsinha, rúcula e almeirão. A comida era farta e não faltava terra pra plantar.*

Camélia, diferentemente de D. Lila e D. Ifigênia, mudou-se para a Fazenda em virtude dos cuidados com a avó. Segundo narra a personagem, a possibilidade de estudar veio após o falecimento de D. Bernadete, quase quinze anos depois da data de mudança. Seu tio, Elísio, casou-se com Yoko, filha de imigrantes japoneses, e se mudaram, após algum tempo, para a Colônia de Mombuca. Yoko, relembra D. Camélia, falava muito pouco português e não sabia escrever quase nada:

*“conheci Yoko na escola infantil. Ela ia para lá e acompanhava uma das professoras, a Sra. Carlota,*

*quase todos os dias da semana. Eu era lavadeira na escola e também responsável por preparar as mamadeiras das crianças do berçário... foi assim que conheci Yoko e também pude aprender a escrever melhor [...] Usávamos algumas cartilhas que as professoras Josefa e Carlota nos emprestavam. Hoje eu consigo ler alguma coisa, menos aquelas letrinhas miudinhas...”, conclui D. Camélia.*

D. Concetta, 95 anos, filha de imigrantes italianos e nascida em São Paulo, é uma das personagens mais velhas da Fazenda:

*meus pais, D. Martina e Sr. Francesco, se conheceram em Nápoles. Migraram para São Paulo no final do século XIX em busca de trabalho, pelo que sei que mamãe contava [...]. Mamãe era descendente de espanhóis e italianos e papai era descendente somente de italianos. Então, acho que eu tenho um pouco dos dois, não é mesmo? (questiona D. Concetta). Bem... eu não conheci a “nonna” nem o “nonno”, nem por foto, mas sei das histórias que a mamãe contava... mamãe dizia que eu era teimosa feito eles!*

A casa onde D. Concetta viveu localizava-se na parte alta da Fazenda, próxima ao palacete dos Prado. Conforme a personagem:

*nos mudamos para lá [Fazenda] depois que nasci. Viemos com um trem que operava as cargas de café na linha da Mogiana... as imagens que tenho de nossa casa são do pequeno cercadinho, do moedor de café na mureta – perto do poleiro das galinhas –, e a cerca por fazer que meu pai nunca terminou... eu vivia pendurada na parte frouxa da cerca, virando cambalhota! [...] até que me cortei no arame e tomei uma injeção na enfermaria da Fazenda! Aquele dia papai teve de sair do serviço... ele trabalhava no barracão, na parte da ensacaria de café. Levei uma baita bronca e, finalmente, ele terminou o cercado. Daquele dia em diante, mamãe nunca mais teve seus lençóis levados pelos bezerros que entravam no quintal para pastar..*

D. Concetta e sua mãe, D. Martina, acompanhavam as missas na igreja e o grupo de estudos de piano:

*mamãe queria que eu aprendesse a tocar, mas não tínhamos um em casa, o que tornava tudo muito difícil. Na fazenda havia somente um para nossa aula em grupo. Era uma briga para ver quem ia começar primeiro [...]. Divertíamos-nos também no “orfeão”, quando se cantava o hino nacional. Éramos divididos em fileiras, as meninas sempre de saia e os meninos de calça. Toda vez antes de começar as aulas se cantava o hino... (Figura 4).*



**Fonte:** Arquivo digital.

**Figura 4: Hino Nacional. Escola de Ensino Fundamental. Fazenda Guatapará, 1950**

Narrativas atravessadas: fragmentos orais e imagéticos

Os fragmentos orais e imagéticos narrados constituem material empírico de relevância sem precedentes para a história da Fazenda e

para a memória social local. Considerando a rememoração como um empreendimento coletivo, assim como Halbwachs (2003) propõe, parece então ser possível reencontrar as memórias de muitas maneiras. A conservação de uma parte da história, com base em fragmentos orais e imagéticos, cuja obtenção se dá por meio das narrativas, fotos, cartas, jornais, boletins, catálogos, pertences, documentos etc., é suficiente para que seja pinçada uma lembrança (HALBWACHS, 2003, p. 105). Assim:

No desenvolvimento contínuo da memória coletiva, na realidade, não há linhas de separação claramente traçadas, como na história, mas apenas limites irregulares e incertos. O presente (entendido como o período que estende por certa duração, a que interessa à sociedade de hoje) não se opõe ao passado como dois períodos históricos vizinhos se distinguem. O passado não existe mais, enquanto para o historiador os dois períodos têm tanta realidade um como o outro. A memória de uma sociedade se estende até onde pode – quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos que ela se compõe. (HALBWACHS, 2003, p. 104-105)

Iniciando pelas narrativas orais – que também, decerto, produzem realidades imagéticas a respeito das memórias –, constata-se um atravessamento de marcadores da diferença<sup>8</sup> tocantes a (a) geração, (b) gênero, (c) classe, (d) origem social, (e) contexto histórico e (f) religião. Ao mesmo tempo em que as narrações se coadunam de formas distintas, ora pela divisão do trabalho, migração em busca de melhores condições de vida, pela feminização do cuidado ou pelas tarefas domésticas, por exemplo, elas também se diferenciam, separam-se e colidem nas

<sup>8</sup> Avtar Brah (2006) discute que as categorias devem ser analisadas conjuntamente e de modo articulado. Os marcadores sociais da diferença – como categorias analíticas próximas – auxiliam-nos a compreender como, por exemplo, a diferença geracional se liga às diferenças e antagonismos de classe. De acordo com a autora, a articulação entre os marcadores pode “ajudar a explicar o tenaz investimento das pessoas em noções de identidade, comunidade e tradição.” (BRAH, 2006, p. 331)

representações individuais, provando que a experiência da releitura nem sempre dar-se-á uniformemente, borrando o individual no coletivo, mas, sobretudo, variando quanto ao tipo, momento, tempo e contexto (SILVA, 2016).

O conceito de *memória involuntária*, retomado por Walter Benjamin (1990), parece-nos apropriado para discutir os fragmentos que evocam o exercício tenro de recontar a(s) história(s) sob a ótica das personagens. O imaginário, nesse ponto, ilumina o simbólico de modo que as narrativas ganham corpo e materialidade por meio de lembranças eventuais e, aparentemente, desconectadas entre si; a primeira comunhão, a cambalhota no cercado, o vestido de tafetá, o nascimento do irmão, a morte de um pai e o alagamento da antiga casa, conferem valor e sentido à vivência; as narrativas costuram, temporalmente, a vivência à experiência. A lembrança, assim, é entrecortada pelas experiências *vividas* e *narradas*; dito de outro modo, mesmo que o sujeito não se recorde muito bem de algum fato cotidiano ou evento da vida, o qual provavelmente perdeu-se nas tramas do esquecimento, a narração assume uma posição decisiva no curso das lembranças, geralmente realizada por grupos ou pessoas que presenciaram ou vivenciaram tal fato. Posto isto, a elaboração grupal, como percebe Bosi (1994, p. 67), torna-se crucial para a manutenção do entendimento acerca das memórias e a produção destas.

Convém, portanto, voltarmos ao fato de D. Lila se lembrar com exatidão que fora em Abril de 1934 a data de sua chegada à Fazenda. Segundo a personagem, o nascimento de Jorge, seu irmão, é o ponto de apoio às lembranças da mudança, cujas interfaces com o passado guardam um momento histórico comum vivido por todos de sua família<sup>9</sup>.

D. Lila, com quase cinco anos à época do nascimento de Jorge,

---

<sup>9</sup> Halbwachs (2003) e Bartlett (1932) voltam-se ao conceito de *convencionalização* para explicar o ajustamento e a modelagem que a situação evocada, a rigor, sofre no plano das ideias e dos valores.

não poderia lembrar-se com precisão das datas, exceto pelo fato de as mesmas estarem registradas e documentadas em cartório, a partir da certidão de nascimento do irmão. Evidentemente, soma-se a isso o momento do nascimento, o qual se configura como um fato importante na estrutura familiar, unindo as identificações geracionais da família no curso da vida, lembrado ininterruptamente por meio de festas de aniversário, primeira comunhão, início dos estudos, formatura, registro de trabalho, casamento, aposentadoria e morte. Nesse aprendizado conjunto, em que há justaposição de memória individual e coletiva, analisa Bosi:

Há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e interpretação dos fatos, verdadeiros “universos de discurso”, “universos de significado”, que dão ao material de base uma forma histórica própria, a *versão* consagrada dos acontecimentos (BOSI, 1994, p. 67).

As memórias narradas, então, convergem no primeiro marcador da diferença que atravessará todos os demais: a geração. Karl Mannheim (1982) define o conceito de geração como experiências que se compartilham historicamente com outras pessoas, projetando vivências comuns e aproximações de pensamentos, estilos de vida, hábitos, fatos históricos, dentre outras coisas. Para o sociólogo, o conceito de geração agrupa uma perspectiva plural, atenta aos elementos sociais e contextuais cambiantes, não recaindo em tempos biológicos cíclicos e que, portanto, implicariam uma “naturalização da história”<sup>10</sup>.

Apesar de distintas, as memórias individuais narradas por D. Lila, D. Ifigênia, D. Camélia e D. Concetta, avizinham-se em muitos pontos, confirmando a hipótese sobre como o tempo social estabelece continuidades nas percepções subjetivas – formando, propriamente, a noção compartilhada da geração que viveu a infância e juventude

---

<sup>10</sup> Ver: *O Problema Sociológico das Gerações*, 1982, p. 67-95, Ática.

na Fazenda. É lugar-comum nas falas, como se depreende dos trechos selecionados, a subordinação das mulheres ao trabalho doméstico, tendo feito com que D. Camélia e D. Concetta, por exemplo, aprendessem a ler e a escrever tardiamente. Em suma, o nível de escolaridade das quatro personagens aproxima-se do retrato nacional dos anos 1950, em que mais de dois terços da população brasileira, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), era analfabeta; guardadas as devidas proporções, se a população total para os anos 1950 era de, aproximadamente, 52 milhões, é possível inferir que o Brasil possuía mais de 34 milhões de pessoas sem qualquer escolarização.

A experiência com a migração interna é também uma marca geracional comum nas falas das personagens:

*papai e mamãe nos contaram que a mudança para a Fazenda se deu em virtude de trabalho e da crise na produção de milho no antigo assentamento. (D. Lila).*

*papai ficou sabendo, na própria Mogiana, que a Fazenda estava lotando homens na colônia para o trabalho com o café. (D. Ifigênia).*

*meus pais migraram para São Paulo no final do século XIX em busca de trabalho. (D. Concetta).*

A Fazenda teve papel preponderante na contratação de imigrantes, principalmente italianos afluentes de São Paulo, concebendo mais de dois terços dos habitantes reais da fazenda. Uma das fotos mais antigas já registradas data de 1889, coletada no acervo da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, em que há clara evidência histórica da imigração, justificando a grande quantidade de residentes de origem italiana, com predominância de homens jovens, brancos, muitos dos quais acompanhados de suas mulheres e filhos, também brancos: os homens, grande maioria vestindo calças compridas, paletó e camisa, além de chapéus; e as mulheres, por outro lado, com seus vestidos de manga

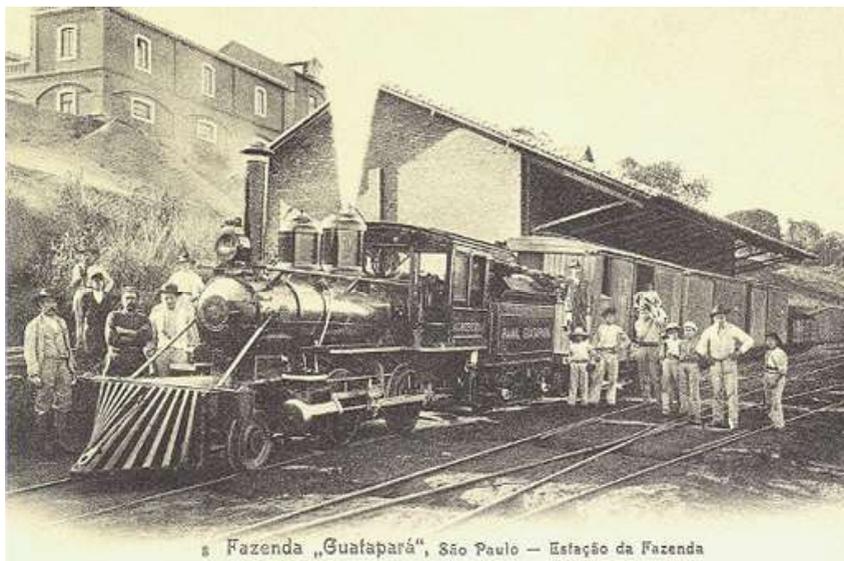
longa e cabelos claros (Figura 5).



**Fonte:** Acervo da Prefeitura de Ribeirão Preto - (ISBN 978-85-62852-07-7).

**Figura 5: Imigrantes italianos. Fazenda Guatapará, 1889.**

Após a implantação das usinas hidrelétricas e da ampliação das ferrovias nos anos 1920 e 1930 por meio da malha da Mogiana (Figura 6) – conectando o interior  capital e aos portos –, o Estado de São Paulo tornou-se um dos principais produtores de café, cuja política de austeridade favorecida pelo Banco do Brasil beneficiou uma produção recorde de 30 milhões de sacas no final de década (1929-1930). A despeito da monocultura cafeeira, a Fazenda também implantou novos modelos industriais, resultantes do processo de modernização da produção, passando a beneficiar aar, algodão e cereais. Este novo modelo, como se nota nas falas de D. Lila e D. Ifigênia, favoreceu a migração interna no próprio interior, que passa a empregar trabalhadores homens egressos de fazendas e regiões arruinadas.



Fonte: Arquivo digital.

**Figura 6: Est a o da Fazenda. Fazenda Guatapará, 1880-1950.**

  inegável, retomando às narrativas das personagens, a convergência entre memória e socialização:

*Bem... eu não conheci a “nonna” nem o “nonno”, nem por foto, mas sei das histórias que a mamãe contava... mamãe dizia que eu era teimosa feito eles! (D. Concetta).*

*não gostaria de ver a Fazenda novamente. (...) pelo que sei, está tudo pelo chão (D. Camélia).*

A história escrita, aquela narrada nas páginas amareladas de livros escolares, em fotografias e por nossos pais e av s, mergulham seus leitores e ouvintes num passado visivelmente longínquo e denso, no qual as características, formas e os conteúdos nós passamos a conhecer de maneira passiva. A estranheza causada ao saber de eventos e momentos que marcaram a trajetória de nossa família e hábitos que se valiam nossos

antepassados, não só provocam curiosidade, como também, em algum sentido, nos parecem singularmente familiares, quando ouvimos pela segunda vez.

A criação de significado para as vivências passadas, contudo, é algo que deve se revestir de sentido na vida cotidiana (BOSI, 1994). Para D. Concetta, a justificação de sua teimosia parece ser comprovada pela mãe, D. Martina, quando a mesma ressalta que seus pais também eram teimosos, guardando certa continuidade entre passado e o presente familiar.

Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desapareceram na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícius de outras épocas (BOSI, 1994, p. 75).

Michel Pollak (1990) utiliza-se da *memória herdada* para definir uma situação ou momento passado que não foi vivenciado pelo/a personagem, mas que pode adquirir significado e ser, eventualmente, internalizado. Não obstante, Pollak (1990) irá analisar de maneira crítica o conceito de *memória coletiva* proposto por Halbwachs (2003), entrevedo sua hipótese mais conhecida de que a memória coletiva pode ser colonizada. A *colonização da memória social*, adverte Pollak (1990), irá acontecer quando há a invenção de uma memória oficial e as demais memórias, subalternizadas, passam a ser interpretadas como meras anedotas, causos e contos populares. As memórias não-oficiais – essas mesmas que procuramos tecer a partir do diálogo com as quatro personagens – levam o nome de *memórias subterrâneas* (POLLAK, 1990).

Consideramos, então, que a memória envolve trabalho (BOSI,

1994; HALBWACHS, 2003; JELIN, 2006), muito frequentemente quando se analisa a história sob o prisma interpretativo de sujeitos em lugar ativo, ou seja, daqueles que participaram e constituíram parte dessas narrativas memorialistas. As narrativas, todavia, nas linhas da “história oficial”, podem desviar-se e até perder seu sentido atribuído coletivamente, formando outras noções de saber com base nas *memórias subterrâneas* (POLLAK, 1990).

O sentido social do passado urde-se à própria noção de sujeito, enredando a compreensão de si, dos outros, dos lugares e do tempo (VELHO, 1994). De acordo com Gilberto Velho (1994), a memória harmoniza e cristaliza a concepção de sujeito que a rememora, envolvendo uma perspectiva identitária e fixando, continuamente, o sentido de *persona* ao sentido de *pertença*. Não é mero acaso o fato de D. Concetta, consternada, referir-se à destruição da igreja de São Martinho como a destruição de uma parte de si: “É como se uma parte de gente tivesse sido arrancada”. Para D. Concetta, assim como repercute na fala das demais personagens, a Fazenda tornou-se um símbolo de encontro e aproximação das vivências, experiências e percepções da vida coletiva. Não somente porque as personagens cresceram e viveram lá, mas, precisamente, porque os eventos da história social se agregaram às lembranças do período ativo da vida, em que as memórias se unem às emoções e aos sentimentos das atividades as quais, no presente, elas deixaram de realizar (HALBWACHS, 2003). Esse tesouro comum, a memória, reconstitui as lembranças mais remotas, no presente, com base em fragmentos subterrâneos cujos sentidos podem ser reavivados por objetos, situações, documentos e fotos (POLLAK, 1990). O conceito de “identidade”, portanto, deve ser trabalhado de maneira paradoxal (HALL, 1997), pois os fragmentos das lembranças adquirem significados e representações distintas nas narrativas orais, o que pode produzir

rupturas entre as memórias, como também descontinuidades entre um sentido e outro.

Na díade entre *memória subjetiva* e *memória coletiva*, “há fatos que não tiveram ressonância coletiva e se imprimiram apenas em nossa subjetividade. E há fatos que, embora testemunhados por outros, só repercutiram profundamente em nós” (BOSI, 1994, p. 408).

*(...) pelo que sei, está tudo pelo chão; nada restou senão nossas memórias, um punhado de fotos, e alguns poucos amigos e conhecidos que, como eu, já estão no fim da vida* (D. Camélia).

*Para saber qual era a casa da vovó Bernadete e do vovô Rubens, era só procurar pela primavera rosa dobrada. Quem viu sabe do que eu falo! Infelizmente não tenho nenhuma foto para lhe mostrar... era das mais belas que vi em toda minha vida!* (D. Camélia).

*Esse cheiro de café [...].*

*Parece que vejo a mamãe, na beira do fogão a lenha, ajeitando o coador de pano na mariquinha e amarrando o avental na cintura* (D. Lila).

## A memória como magia: as testemunhas, o lugar, as lembranças e as histórias

As histórias da Fazenda, como observamos nas narrativas das personagens, conferem um testemunho da própria vivência. A trama, aparentemente subjetiva e individual que se tece nas oralidades, vai ganhando contornos comuns; as falas, de alguma maneira, parecem se cruzar, atravessar-se e confluir-se. Neste ponto, é preciso ponderar que a aproximação entre as narrativas se dá por meio da experiência social compartilhada. A despeito disso, se as memórias congregam experiências individuais e coletivas que foram vivenciadas pelas personagens, o

que explica o fato das mulheres descreverem lembranças distantes, maiormente vividas por seus pais, atribuindo significado e sentido às suas próprias narrativas?

Halbwachs (2003) e Bosi (1994) discutem que as vivências, em maior grau, são responsáveis pela criação de significado e sentido às trajetórias individuais e coletivas; isto é, as vivências são responsáveis por interpenetrar subjetivamente e seletivamente a maneira pela qual o sujeito reconhece as situações passadas, assim como atribui e interpreta os sentidos presentes de sua vida. Como mencionado no início deste manuscrito, os estudos da memória social tendem a compreender o presente e o passado numa perspectiva articulada, não estanque e, sobretudo, dialética (BERGSON, 1986; BENJAMIN, 1990; HALBWACHS, 2003). Ao passo que as vivências individuais se ligam à experiência social, o significado destas desliza do *vivente* (aquele que viveu tal momento ou situação *in persona*) para o *não-vivente* (aquele que não viveu a situação ou momento).

Assim, Bosi (1994) considera que à medida que as pessoas vão tomando conhecimento de um determinado fato ou situação, frequentemente narrada pelos *viventes*, tal fato ou situação adquire materialidade e concretude: “se assim não fosse, talvez nossas lembranças deslizassem para a ilusão e nos deixassem em dúvida, o que é comum, quando nos dedicamos a pesquisar lembranças remotas.” (BOSI, 1994, p. 406)

Se narrássemos uma lembrança remota, cuja época remetesse a um momento solitário de nossa infância, por exemplo, seria praticamente impossível afirmar sua veracidade, deixando aos ouvintes a difícil tarefa de acreditar ou não. Contudo, se tal lembrança fosse narrada por mais de uma pessoa, em que sentidos e significados pudessem ser socializados e compartilhados, seria possível garantir certa materialidade e concretude

à(s) lembrança(s) (HALBWACHS, 2003).

A socialização da lembrança, apreendida por meio da interação com outras pessoas, representa um aspecto central para explicar os fragmentos da memória individual na experiência social dos *não-viventes*. Muitas lembranças de nosso passado simplesmente não foram vivenciadas por nós, de modo ativo, mas foram recontadas por nossos pais, avós e avôs, parentes e amigos, admitindo passivamente a noção geral da situação. Quando D. Concetta, nascida e criada no Brasil, rememora a vida de seus pais em Nápoles, na Itália, há a evocação de uma lembrança não vivenciada *in persona*, porém acionada à sua experiência social. Em outras palavras: essa experiência vincula um passado remoto que fora compartilhado, por meio da socialização e interação com seus pais ao longo da vida, reconstituindo as experiências dos vivos. D. Concetta, portanto, figura como uma testemunha dessa história, valendo-se de fragmentos oriundos da memória involuntária (BENJAMIN, 1990) ou da memória subterrânea (POLLAK, 1990).

O testemunho de uma memória coletiva pode desenvolver-se a partir de laços de convivência diversos: entre amigos, na família, na comunidade, no trabalho, na escola etc. Mais uma vez, como adverte Halbwachs (2003), trata-se de uma questão que abarca socialização e interação. Quando queremos guardar algum fato ou situação importante, usualmente, utilizamo-nos de registros diversos, visando assegurar sua veracidade e materialidade. Formaturas, casamentos, aniversários, celebrações de natal, ano novo, carnaval etc., são datas as quais se reúnem pessoas conhecidas, envia-se cartas ou e-mails, mas também se faz fotografias. O fato de registrar o momento, o fenômeno ou a situação em si denota a centralidade do arquivamento da lembrança. Se as pessoas desempenham o papel de testemunhas de alguma situação ou evento, a

requivando seu sentido e significado, as fotografias, os objetos e os escritos também podem desempenhar função análoga.

As fotografias aqui utilizadas, ora coletadas em acervos digitais, ora disponibilizadas pelas próprias personagens, reproduzem-se conjuntamente às narrativas orais, testemunhando parte da vida na Fazenda, suas características e seus detalhes.

como cada foto é apenas um fragmento, seu peso moral e emocional depende do lugar em que se insere. Uma foto muda de acordo com o contexto em que é vista: assim, as fotos de Minamata tiradas por Smith parecerão diferentes numa cópia de contato, numa galeria, numa manifestação política, num arquivo policial, numa revista de fotos, numa revista de notícias comuns, num livro, na parede de uma sala de estar. Cada uma dessas situações sugere um uso diferente para as fotos, mas nenhuma delas pode assegurar seu significado. (SONTAG, 2004, p. 122)

Enquanto as narrativas orais dependem de quem as conta, levando em seu bojo as impressões, percepções e experiências, a fotografia, por sua vez, depende de quem as vê, permitindo que seu significado varie muito mais do que no primeiro caso, em que a lembrança se mantém circunscrita às narrativas daqueles que contam, podendo convergir, por certo, com as vivências.

Para Susan Sontag (2004), as fotografias recolhem certa verdade para si. Assim o foi nos primórdios, desde os usos do daguerreótipo, em que as fotografias pareciam mais borrões, até o seu aprimoramento e popularização. De acordo com a autora: “as fotos são indícios não só do que existe, mas daquilo que um indivíduo vê; não apenas um registro, mas uma avaliação do mundo” (SONTAG, 2004, p. 105). Dito isto, podemos pensar que a avaliação feita ao ver uma foto depende de quem a vê, sua percepção acerca do objeto visto, as vivências e experiências contidas

nas lembranças, nos valores compartilhados etc.

Ainda que avaliação contenha o elemento emocional e subjetivo, que singulariza parte de sua aceção, o reconhecimento de uma memória social envolve uma dinâmica coletiva e que, portanto, recolhe um aspecto comunitário.

*(...) nada restou senão nossas memórias, um punhado de fotos, e alguns poucos amigos e conhecidos que, como eu, já estão no fim da vida. (D. Camélia).*

*Tenho saudades de muitas coisas daquela época... das missas na igreja, das festas de São João, do coral e das aulas de canto, das minhas amigas e amigos que já faleceram [...]. A nossa casinha, de chão batido, era o recanto da minha mocidade. (D. Ifigênia).*

*(...) o que mais me entristeceu foi saber da destruição da Igreja São Martinho. Minha primeira comunhão e meu casamento foram feitos lá. Quase todos os amigos já se foram... (D. Concetta).*

Talvez, nesse ponto, valesse repensar a metáfora do poço e dos sonhos, contida no homônimo *O Riso da Mulher de Trácia*, de Hans Blumenberg. A história incorporada por Blumenberg (1994) reconstitui a fábula de Esopo, que tratava de um astrólogo anônimo – identificado como Thales de Mileto a partir das obras anteriores de Aristóteles e Platão –, cujas buscas incessantes por olhar o céu, resignaram sua percepção às coisas terrenas, “aquelas que se encontravam bem diante do nariz e debaixo dos pés”, fazendo com que ele, certa vez, deixasse de ver um enorme poço à sua frente e, por conseguinte, tropeçasse e caísse dentro dele. A região de Trácia, na fábula, era conhecida por seu pessimismo exacerbado. Quando o Thales de Mileto cai no poço, ouve-se o riso de uma mulher ao fundo, uma habitante de Trácia. O riso da mulher, portanto, ficou conhecido como a separação entre o mundo da vida e o

mundo da teoria. Para o autor, o riso da camponesa simbolizava o senso comum, numa crítica contundente à separação dessas duas esferas.

Seguindo com Blumenberg (1994), focalizando nas narrativas orais das personagens, seria impossível deixar de compreender o mundo da vida, grosso modo, apartado do mundo da teoria. Aliás, seria um dos maiores equívocos fazer tal divisão dessa maneira, uma vez que as memórias são produtos não somente do imaginário (BENJAMIN, 1990; BERGSON, 1986), mas também da ação social (HALBWACHS, 2003). As lembranças, neste aspecto, evocam representações mágicas, as quais podem tangenciar fatos e episódios próximos aos que ocorreram, como podem sobreestimar percepções e recriar acontecimentos, uma vez que as experiências do passado são acionadas pelo presente, de maneira dialética (HALBWACHS, 2003).

Se levarmos a cabo tal hipótese, ligando seu sentido à formulação de *experiência passiva* indicada por Halbwachs (2003), isto é, experiência que os sujeitos adquirem por meio de determinado fato ou situação a partir do testemunho de outros sujeitos, é possível entrever que a magia da rememoração poderá aparecer quase sempre reencatada. O reencantamento, longe de ser algo puramente emocional, circunscrito exclusivamente ao mundo da teoria ou, ainda, ao mundo do sonho, pode ser interpretado como o resultado de fragmentos de histórias, lembranças, objetos, narrativas e símbolos, os quais são constantemente ressignificados na experiência social por meio do trabalho (HALBWACHS, 2003). Assim como as fotografias podem ser reinterpretadas (SONTAG, 2004) e, inclusive, perder seu sentido original, as narrativas também estão propensas a serem modificadas de diversas maneiras, não havendo garantias de continuidade (BOSI, 1994; HALBWACHS, 2003). Ao modificar seu sentido primário, transformando uma parte ou o todo da narrativa, a memória também se transforma, assumindo novos

fragmentos, acepções e sentidos. Nesse caminho, em que as lembranças convergem transformando ou conservando seu sentido principal, voltar à Fazenda constitui um experimento mágico, pois:

*O mundo é mágico. As pessoas [e as coisas] não morrem, ficam encantadas.*

- Graciliano Ramos.

## Referências bibliográficas

BARTLETT, Frederic Charles. (1932). *Remembering: a study in experimental and social psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.

BEAUVOIR, Simone. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BECKER, Howard. (1993). *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec.

BENJAMIN, Walter. (2004). Infância Berlinense: 1900. In: *Imagens do pensamento. Obras escolhidas de Walter Benjamin*. Lisboa: Assírio & Alvim.

BERGSON, Henri. (1986). *Matière et Mémoire*. Paris: PUF.

BLUMENBERG, Hans. (1994). *O riso da mulher da Trácia: uma pré-história da teoria*. Lisboa: Difel.

BRAH, Avtar. (2006). Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, p. 329-376.

EVANS-PRITCHARD, Edward. (1978). *Os nuer*. São Paulo: Perspectiva.

HALBWACHS, Maurice. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.

HALL, Stuart. (1997). The work of representation. In: Hall, Stuart. (org.). *Representation. Cultural representation and cultural signifying practices*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*,

p. 3-15, 1989.

RIVERS, William Halse. (1914). *The history of Melanesian society*. Cambridge: Cambridge University Press.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes (2016). Trabalho rural: as marcas da raça. *Lua Nova*, São Paulo, n. 99, p. 139-167. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010264452016000300139&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010264452016000300139&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 06 de nov. 2017.

SONTAG, Susan. (2004). *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras.

VELHO, Gilberto. (1994). Memória, identidade e projeto. In: Velho, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 97-113.

VINUTO, Juliana. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate aberto. In: Paniz, Flávia; Gouvêa, Gilda Portugal. *Temáticas* (Revista dos Pós-Graduandos em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia, Ciências e Humanidades da Unicamp) p. 201-218. Circulação restrita.